

Música
18, 19, 20 de abril 2012

Festival RESCALDO

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Produção Culturgest/Trem Azul

Comissário Travassos

Textos Bruno Silva

Parceiros de comunicação Wake Up

Web development Cláudio Fernandes e Travassos

Qua 18, qui 19, sex 20 de abril
Pequeno Auditório · M12

O Festival RESCALDO surgiu, em 2007, da vontade endêmica de esbater barreiras entre grupos e tribos que, pela sua natureza, cruzam e partilham conhecimentos, convicções e princípios criativos, em géneros tão díspares quanto próximos como a eletrónica, a improvisação, o rock ou o jazz.

Tem, desde então, apresentado ao público da capital propostas musicais que celebram o que de mais relevante se fez em cada ano, fazendo um balanço anual da *movida* criativa da cidade e do país. O Festival RESCALDO apresenta, em cada noite, dois concertos de géneros e públicos teoricamente distintos, procurando assim aproximar artistas e públicos, promovendo uma salutar convergência de sensibilidades tão necessária quanto natural.

Em edições anteriores, passaram pelo palco do Festival RESCALDO nomes como Rafael Toral, Tiago Sousa, Sunflare, Filipe Felizardo, Sei Miguel, Rodrigo Amado Motion Trio, Joana Sá, Manuel Mota, Red Trio, Coclea, Pão, Pedro Gomes/Gabriel Ferrandini, entre muitos outros.

A presente edição do RESCALDO estende-se pela primeira vez à Culturgest, instituição que reconhece a urgência e a necessidade deste encontro e que dá uma oportunidade inédita ao festival de se estruturar, comunicar e pensar. Em 2012, esta quinta edição do Festival chegará a públicos mais amplos e assinalará um alargar da sua ambição, traduzido desde já numa nova faceta, a da promoção editorial.

É neste contexto que surge a Shhpuma, um novo selo discográfico

português, sob a alçada da Clean Feed, que se une a este certame pela natural simbiose entre o catálogo que a Shhpuma prepara e as propostas que o Festival RESCALDO tem programado: um foco especial na *outra* música portuguesa, que trabalha, laboriosamente, em busca de uma visão artística própria e de uma expressão plena, de olhos postos no futuro.

O Festival RESCALDO apresenta este ano nove concertos, o lançamento de um livro, duas exposições, e um DJ Set e tem lugar na Culturgest (dias 18, 19, 20) e na Trem Azul Jazz Store (dias 17 e 21).

www.festival-rescaldo.info

Qua 18 de abril, 21h30
Pequeno Auditório
Duração aprox. 1h45 com intervalo



Feltro

Sintetizador modular, sistema mecânico-lumínico: André Gonçalves

Com um currículo notável no domínio das músicas mais experimentais (predominantemente eletrônicas), André Gonçalves tem vindo a desenvolver um fascinante corpo de obra a solo sob o nome de Feltro. Explorador incansável e minucioso das particularidades do som enquanto matéria, Gonçalves chega à melodia por intermédio do processamento desse mesmo som impoluto, através do computador e de objetos eletrônicos criados ou modificados por ele mesmo. Partindo de um conhecimento profundo desse vasto campo tecnológico, o seu trabalho incorre numa manifestação sábia de todo um mundo de possibilidades a ganhar forma.

Licenciado em Design Visual pelo IADE e Doutorando em Ciência e Tecnologia das Artes pela Universidade

Católica Portuguesa, André Gonçalves tem vindo a desenvolver, desde 1998, diversos projetos em várias áreas artísticas, nomeadamente nas artes plásticas, música, vídeo, instalação e *performance* tendo apresentado o seu trabalho em inúmeros instituições, galerias e festivais como o FILE, São Paulo; Experimental Intermedia Foundation, New York Digital Salon, School of Visual Arts, New School of Design, Nova Iorque; Arnolni, Festival Offoad, Bristol; Today's Art, Haia; Steim, Amesterdão; Atlantic Waves, Londres; Galeria Bon Accueil, Rennes; Pixelache Festival, Helsinquia; Lucy Project, Istambul; La Casa Encendida, Media Lab, Madrid; Galeria 0047, Oslo; Galeria Ura!, Istambul; Centro Zittelli, Veneza; Festival Netmage, Bolonha; IFI, Pontevedra; Museu Vostell Malpartida, Cáceres; Festival Madeira Dig, Funchal; Festival EME, Palmela; Festival Vilar de Mouros; Fundação de Serralves, Casa da Música, Porto; Fundação Calouste Gulbenkian, CCB, Galeria Lisboa 20, Lisboa.

Em contextos musicais destacam-se as suas colaborações com Achim Wollscheid, Adriana Sá, André Sier, Antonio Della Marina, Ben Owen, Carlos Santos, Damien Stewart, David Maranhã, Ernesto Rodrigues, Eric La Casa, Gil Arno, Jez Riley French, Joe Giardullo, John Klima, Keiko Ueinishi, Kenneth Kirschner, Luis Desirat, Manuel Mota, Marc Behrens, Michael J. Schumacher, Miguel Carvalhais, Noid, Nuno Moita, Nuno Rebelo, Paulo Raposo, Pedro Almeida, Pedro Boavida, Pedro Tudela, Phill Niblock, Richard

Garet, Sei Miguel, Shinjiro Yamaguchi, Tim Hecker, Tó Trips, Toktek, Tom Chiu, Toshio Kajiwara, Tom Bugs ou Vítor Joaquim.

Durante o seu percurso foi contemplado e distinguido pelas seguintes instituições: Finalista no prémio CELESTE 2010, categoria Performance, Nova Iorque, EUA (2010); Menção Honrosa FILE Prix Lux 2010, categoria Digital Languages, FILE Festival, São Paulo, Brasil (2010); Bolsa para residência artística em Nova Iorque, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (2008); Bolsa Ernesto de Sousa, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (2005).

www.andregoncalves.info



Calhau!

Objetos, eletrônicas:
Alves Von Calhau e Marta Von Calhau

Um dos projetos mais inclassificáveis do panorama da música experimental/exploratória em Portugal, este duo

formado por Alves e Marta Von Calhau tem procurado levar a manipulação e recriação de brinquedos, gira-discos e demais objetos eletrônicos para campos cada vez mais personalizados. Sediados no Porto, os Calhau! têm vindo a desenvolver um fascinante arco evolutivo, onde uma música feita de sons inqualificáveis serve de estrutura para temas onde a performance assume um papel determinante para a construção de um imaginário bizarro. Tendo o palco como local privilegiado para a ação, os Calhau! propõem sempre uma nova abordagem a cada nova aparição. Reflexo de um trabalho contínuo de exploração dos limites da canção nascida no seio do abstracionismo.

A desenvolver um trabalho conjunto desde abril de 2006 – depois de se terem conhecido no Porto num *workshop* de criação de instrumentos – João Alves e Marta Ângela têm adotado várias designações em torno do nome Calhau como nave para as suas explorações em torno do som. Foi desse mesmo *workshop* que nasceram os *Electrocitatus Santificatus Rudimentarum Extremis*, nome de breve duração para o duo que viria adotar a designação de Calhau durante o seu primeiro concerto no Porto. Dessa primeira experiência surgiu um CD-R, a que se seguiram vários entre 2006 e 2007 em edições limitadíssimas a documentar todo um processo de descoberta do duo em torno de instrumentos e objetos modificados e criados pelos próprios. Assumindo o palco e a sua dimensão performativa como plano de ação primordial os Calhau – ao abrigo de

variações como !Calhau! ou Von Calhau – têm vindo, desde então, a depurar o seu som continuamente através de metodologias experimentais como o *Método do Leopardo* – apresentado no Out.fest 2010. Lançado pela Rafflesia – editora de Afonso Simões dos Gala Drop – ou, em 2011, *Quadrologia Pentacónica* que assinalou o culminar de todo esse caminho, num disco onde o experimentalismo dá azo a composições cada vez mais estruturadas. Dispostos a atingir uma transversalidade entre a música, as artes visuais (das quais ambos têm formação) ou a poesia, os Calhau querem, nas palavras de João Alves, “construir um espaço onde possam acontecer coisas”. Premissa mais do que adequada para um festival como o RESCALDO.

www.einsteinvoncalhau.com

Qui 19 de abril, 21h30
Pequeno Auditório
Duração aprox. 1h45 com intervalo

© Márcio Vilela



Tó Trips

Guitarra acústica: Tó Trips

Figura essencial para o rock – nas suas diversas frentes – feito em Portugal nos últimos 25 anos, Tó Trips é senhor de uma carreira com passagem por projetos tão meritórios como os Santa Maria, Gasolina em teu Ventre ou os Lulu Blind. Em tempos mais recentes tem estado particularmente ativo nos Dead Combo, de onde retirou ilações para aquilo que tem vindo a criar enquanto solista. Numa abordagem ao instrumento despida de grandes artificios,

Tó Trips cria peças intimistas com uma forte componente imagética de lugares incertos mas sempre envolventes.

Naquilo que se chamava Música Moderna Portuguesa, o impacto da primeira banda de Tó Trips – os Amen Sacristi – foi conjuntural. Frequentadores dos concursos do Rock Rendez-Vous lembrar-se-ão deles. E colecionadores de rock português poderão ter alguma das K7s ou compilações nas quais entre '86 e '89 figuraram. Tó recorda-os como influenciados pelos Chameleons. A referência, no seu percurso, surge associada aos nomes de Big Black (de Steve Albini), Glenn Branca e, naturalmente, Sonic Youth.

Ao fechar a década foi convidado por Jorge Ferraz para ingressar nos Santa Maria Gasolina em Teu Ventre, com os quais gravou um EP. Se o combustível desses terminou, Tó não dava sinal de abrandar, fundando os Lulu Blind.

O arranque é apoteótico, culminando em '93 na histórica primeira parte do concerto dos Sonic Youth no Campo Pequeno e, pouco depois, na abertura para os Manic Street Preachers no Pavilhão Carlos Lopes. Em '94 editam *Dread*. Mas em Portugal, ao contrário do que se passou um pouco por todo o mundo, o *underground* não se tornou no *mainstream*. E como a de tantas bandas do período (que na altura enchiam o Johnny Guitar), a história dos Lulu Blind acaba por refletir também o contínuo desagregar do interesse do público “alternativo” pela música portuguesa ao longo da década de noventa. Não seria de estranhar que se impusesse uma

mudança de ares capaz de corresponder a novas vivências.

E o aparecimento do projeto de Tó com Pedro V. Gonçalves – os Dead Combo – não tentará satisfazer outra ambição.

Recentemente, na companhia de Tiago Gomes, Tó Trips adapta textos de Jack Kerouac no projeto *On the Road*, e edita finalmente o seu primeiro álbum a solo, *Guitarra 66*.

www.vimeo.com/9184235

www.myspace.com/totripsguitar



Olive Troops SOS

Composição: Carlos Nascimento

Direção musical: Bruno Silva

Arranjos: Vítor Lopes

Tendo já colaborado entre si em várias ocasiões através de projetos como Osso e Brisa Panaca, Vítor Lopes, Carlos Nascimento e Bruno Silva reuniram-se pela primeira vez enquanto trio com o nome de Olive Troops SOS. Explorando as potencialidades da eletrónica numa vertente improvisada, a música deste

trio conjuga influências tão diversas como o dub, o *krautrock* ambiental ou alguma música de dança britânica mais cerebral do início dos anos 90. Recorrendo a um diálogo aberto entre sintetizadores, gravações de campo e percussão, os três músicos embrenham-se em longas peças que progridem em direção a uma dimensão volátil.

olivetroopsos.bandcamp.com

Para traçar uma biografia fidedigna dos Olive Troops SOS é necessário recuar até alguns anos antes da sua génese, para compreender a rede de ligações que lhe veio a dar origem. Bruno Silva (Somália, Canzana, Bandeira Branca, etc.) e Carlos Nascimento (ex-Ghoak, Robert Foster) tocam juntos desde 2005 enquanto Osso. Ainda nos seus primórdios travaram conhecimento com Vítor Lopes – na altura a militar nos Frango – e lançam desde logo as sementes para uma cumplicidade que se viria a repercutir em colaborações pontuais – duo de Lopes e Silva como Brisa Panaca ou o *split* de Osso com Frango no seguimento de concertos partilhados. Aproveitando o hiato destas bandas, os Olive Troops SOS nascem em 2011 como forma de perpetuar esse regime de colaboração de um modo mais regular. Tendo como princípio unificador várias facetas da música eletrónica – do *drone* ao *dub*, da *rave* à *kösmische* – a banda tem vindo a trilhar um caminho sustentável a partir do improvisado, documentado num primeiro registo homónimo – disponível para download gratuito no seu Bandcamp – e a ter continuação, em breve, com novas edições para 2012.

Sex 20 abril, 21h30

Pequeno Auditório

Duração aprox. 1h45 com intervalo



João Alegria Pécourto

Guitarras: João Alegria Pécourto

Tal como a sua música, João Alegria Pécourto tem vindo a revelar-se com extrema parcimónia e sem quaisquer pressas. Com olho na descoberta, Pécourto desenvolve na guitarra acústica peças de uma beleza transparente, de rendilhados ternos e hipnóticos que se vão sobrepondo em sucessivas camadas. Suspendem-se no tempo, como se convidassem à reflexão sem nos atirar quaisquer conjecturas à cabeça. Gravado em casa com aquela calma que só o lar pode proporcionar, *Um lugar de silêncio, para que tudo cante na tua ausência* foi o disco que abriu o caminho para o músico, numa altura em que se esperam novos registos para breve, de um nome ainda por descobrir convenientemente.

Musicalmente, e em busca de uma voz própria ao longo do tempo, o músico lisboeta experienciou uma série de abordagens sonoras, um caminho

natural e fértil de aprendizagem, para uma chegada que se queria consistente, original e genuína.

Começou a tocar guitarra aos 13 anos, envolvendo-se em colaborações desde cedo, das quais se destacam as participações em palco nas guitarras clássica e portuguesa com a banda Novembro, projeto inspirado na tradição do nosso país, liderado por Miguel Filipe.

Edita o primeiro EP, *Um lugar de silêncio, para que tudo cante na tua ausência*, a 5 de Outubro de 2011, via Bandcamp. Tendo um segundo trabalho terminado, neste momento desenvolve o terceiro e também colaborações com outros músicos.

“O silêncio que vem no título de estreia do João Alegria Pécourto é espaço hipnótico que se pendura em notas circulares a convocar cenários desconhecidos na nossa imaginação.

São quatro os temas que podemos escutar em *Um lugar de silêncio, para que tudo cante na tua ausência*, a confirmar que há segredos por que vale a pena esperar.

O João é e está em cada um dos acordes das canções – em cada vibração das cordas que soam narcóticas para os nossos sentidos.

Assentemos nestas coordenadas intensas, esteticamente invulgares e inefavelmente belas.

Constatemos: há fantasmas que morrem no tempo de uma canção.”

Ricardo Mariano (autor de *Vidro Azul*, rádio Radar, RUC, RUM e EuradioNantes)

joaoalegriapecourto.bandcamp.com



Norberto Lobo / Carlos Bica

Guitarra acústica: Norberto Lobo
 Contrabaixo: Carlos Bica

Encontro tão improvável quanto grandioso de dois músicos com *background* distinto, mas igualmente respeitável. Norberto Lobo é, sem sombra para qualquer dúvida, um dos músicos mais essenciais em tempos mais ou menos recentes da música feita em Portugal. Guitarrista extraordinário, que já há muito deixou para trás quaisquer coordenadas externas (que tanto passavam pelo legado de John Fahey como pelo fantasma de Carlos Paredes) para chegar a uma linguagem única. Carlos Bica é um daqueles *jazzmen* notáveis que, apesar de ver o seu trabalho reconhecido lá fora, mantém sempre elos de ligação com a música portuguesa – traçando, nesse ponto simbólico, um paralelismo com Norberto Lobo. Prodígio de técnica e sensibilidade sem paralelo no domínio do contrabaixo, Bica é dono de um currículo magnânimo que nunca se sustém nos seus próprios méritos, deixando espaço aberto para uma reinvenção contínua. Ninguém pode prever aquilo que se pode passar quando figu-

ras como estas dialogam entre si, mas será com certeza um daqueles acontecimentos a deixar marcas profundas em todos os que estiverem presentes.

Nascido em Lisboa em 1982, Norberto Lobo é já uma das figuras principais da música portuguesa deste arranque de século.

À parte de qualquer ensino académico especializado, Norberto edificou o seu trajeto através de uma aprendizagem riquíssima e independente, tanto individual quanto generosa e comunal, por uma vasta panóplia de música.

Ao longo dos anos tem colaborado com artistas como os München, Chullage ou Lula Pena, para além de ser cofundador dos projetos Norman, Colectivo Páscoa e Tigrala.

Já partilhou palcos ou digressões com variadíssimos músicos internacionais, como é o caso de Lhasa de Sela, Devendra Banhart, Larkin Grimm, Naná Vasconcelos ou Rhys Chatham.

Recentemente tocou numa série de datas pela Europa, recebendo elogios da boca de Fred Frith (que o viu em Brest) ou dos Zu. É versado em várias guitarras, com particular dedicação nos últimos anos à acústica e, mais recentemente, à tambura, o seu principal instrumento nos Tigrala. O distinto exemplar que possui foi feito à mão e oferecido de surpresa por um admirador seu na Dinamarca. Editou a solo *Mudar de Bina* (2007), *Pata Lenta* (2009) e *Fala Mansa* (2011)

Carlos Bica é um dos poucos músicos portugueses que alcançou projeção

internacional, tendo-se tornado uma referência no panorama do jazz europeu. Entre os vários projetos musicais que lidera e para além das suas participações em outras áreas como teatro, cinema e dança, o seu trio AZUL com o guitarrista Frank Möbus e o baterista Jim Black, tornou-se na imagem de marca do contrabaixista e compositor.

Ao primeiro álbum *Azul* editado em 1996 e que é considerado pela crítica como um dos melhores álbuns nacionais de jazz de sempre, seguiram-se os álbuns *Twist* (1999), *Look what they've done to my song* (2003) e *Believer* (2006) que receberam igualmente enormes elogios da imprensa internacional.

Quando se fala da música de Carlos Bica a crítica costuma salientar a forma como nela se interpenetram referências de diferentes universos, da música erudita contemporânea à folk, ao rock, ao jazz, às músicas improvisadas. O que corresponde, como seria natural, à própria trajetória do intérprete e compositor. Aprendeu a tocar contrabaixo na Academia dos Amadores de Música, nos Cursos de Música do Estoril e na Escola Superior de Música de Würzburg, na Alemanha. Foi membro da Orquestra de Câmara de Lisboa, assim como de diversas orquestras de câmara alemãs, tais como a Bach Kammerorchester e a Wernecker Kammerorchester. Fez muita música improvisada, durante anos tocou com Maria João, trabalhou e gravou na área da música popular portuguesa com Carlos do Carmo, José Mário Branco, Janita Salomé, Camané e participou em inúmeros festivais de jazz internacionais em colaboração

com músicos como Kenny Wheeler, Ray Anderson, Aki Takase, Alexander von Schlippenbach, Lee Konitz, Mário Laginha, Albert Mangelsdorf, João Paulo, Matthias Schubert, Paolo Fresu, António Pinho Vargas, Steve Arguelles, John Ruocco, entre outros.

A necessidade de projetar na música as vivências do seu percurso musical e o enorme fascínio pelo som da voz e dos instrumentos de arco levou Carlos Bica até ao projeto *Diz*, que teve a sua estreia no Festival dos Cem Dias/Expo'98. Este projeto foi editado pela Enja Records em 2001 e recebeu o prémio de Melhor Disco do Ano da Antena 1/Cinco Minutos de Jazz.

Em outubro de 2005 Carlos Bica edita o álbum *Single* (Bor Land), o seu primeiro álbum de contrabaixo solo, onde músico e instrumento se encontram a sós e onde Bica revela o seu lado musical mais íntimo. *Single* foi nomeado pela revista *Blitz* com um dos melhores álbuns nacionais em 2005. Nos últimos dois anos Carlos Bica tem confiado os seus trabalhos à editora portuguesa Clean Feed, recebendo estes os melhores elogios por parte da crítica.

www.myspace.com/norbertolobo
www.carlosbica.com



Culturgest, Espaço CarbonoZero®

A compensação das emissões de carbono decorrentes da utilização dos espaços da Culturgest, localizados no Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos, está integrada na estratégia do Grupo para o combate às alterações climáticas. Esta iniciativa enquadra-se num conjunto mais alargado de ações, que vão desde a inventariação das emissões associadas ao consumo de energia e ao tratamento dos resíduos produzidos nas instalações, à implementação de medidas de eficiência energética para redução das emissões. Com efeito, tem-se vindo a assistir a uma redução das emissões de carbono observando-se um decréscimo progressivo de cerca de 35% face a 2008. Esta é uma redução com tendência a acentuar-se com a implementação de um conjunto de medidas adicionais, estando prevista

uma redução total de 16 500 kWh/ano, o equivalente a cerca de 220 viagens de carro Lisboa-Porto.

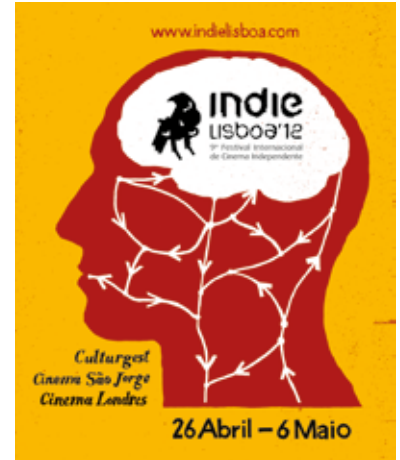
Apesar de contribuírem para a redução das emissões de carbono, estas ações não são suficientes para evitar por completo estas emissões. Assim, as restantes emissões são compensadas através da aquisição de créditos de carbono provenientes de um projeto tecnológico localizado no Brasil e que cumpre os requisitos Voluntary Carbon Standard (VCS). A compensação das emissões inevitáveis da Culturgest constitui, assim, uma internalização da variável carbono decorrente da utilização dos seus espaços e contribui, igualmente, para a meta de neutralidade carbónica expressa no Programa Caixa Carbono Zero.

Mais informações em:
[www.cgd.pt/Institucional/
Caixa-Carbono-Zero](http://www.cgd.pt/Institucional/Caixa-Carbono-Zero)



IndieLisboa'12

Festival Internacional
de Cinema Independente



Cinema de qui 26 abril a dom 6 maio
10h30 - 23h45 · M16 (exceto IndieJúnior)

Organização Zero em Comportamento

De 26 de abril a 6 de maio, o IndieLisboa volta a trazer a Portugal o melhor e mais recente cinema de todo o mundo. Curtas e longas-metragens de ficção, documentário e animação vão poder ser vistas na Culturgest, que volta a ser este ano coprodutora do festival, assim como no Cinema São Jorge e no Cinema Londres.

Serão 11 dias repletos com mais de 200 filmes (na sua esmagadora maioria inéditos em Portugal) distribuídos pelas nove secções que compõem o festival deste ano: Competição Internacional, Competição Nacional, Observatório, Cinema Emergente, Director's Cut, IndieMusic, Pulsar do Mundo,

IndieJúnior e Sessões Especiais. A estas juntam-se diversas atividades paralelas abertas à curiosidade de todos os públicos (debates, conferências, *ateliers* e *masterclasses*) com a participação de profissionais de cinema nacionais e estrangeiros.

Nesta sua nona edição, o IndieLisboa quer continuar a cumprir a sua primeira vocação: ser um lugar de entusiasmasdas descobertas dos filmes (sem fronteiras de género, duração ou formato) que fazem a atualidade do melhor cinema nacional e internacional.

A programação do festival é permanentemente atualizada em www.indielisboa.com.

Conselho de Administração

Presidente

Fernando Faria de Oliveira

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Maria Teixeira estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Alcino Ferreira

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
